



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

**TAISA GLEICY DE OLIVEIRA PIRES**

**O USO DO SEMINÁRIO ENQUANTO GÊNERO ACADÊMICO PARA A  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LETRAS PORTUGUÊS – UEPB/CAMPUS I**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

TAISA GLEICY DE OLIVEIRA PIRES

**O USO DO SEMINÁRIO ENQUANTO GÊNERO ACADÊMICO PARA A  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LETRAS PORTUGUÊS – UEPB/CAMPUS I**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Oralidade

**Orientador:** Prof. Dr. Marcelo Vieira da Nóbrega.

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P667u Pires, Taisa Gleicy de Oliveira.  
O uso do seminário enquanto gênero acadêmico para a formação de professores de letras português – UEPB/Campus I [manuscrito] / Taisa Gleicy de Oliveira Pires. - 2023.  
35 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Vieira da Nóbrega, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Formação de professor. 2. Letramento. 3. Oralidade. I.

Título

21. ed. CDD 371.12

TAISA GLEICY DE OLIVEIRA PIRES


O USO DO SEMINÁRIO ENQUANTO GÊNERO ACADÊMICO PARA A FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES DE LETRAS PORTUGUÊS – UEPB/CAMPUS I

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena  
em Letras Língua Portuguesa da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciada em Letras  
Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Oralidade.


Aprovada em:01/12/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 MARCELO VIEIRA DA NOBREGA  
Data: 12/12/2023 14:32:24-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Marcelo Vieira da Nóbrega (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente  
 HERMANO AROLDO GOIS OLIVEIRA  
Data: 13/12/2023 10:22:15-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Hermano Aroldo Gois Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof.ª Dr. Tatiana Fernandes Santana  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Aos meus pais Rozinaldo Pires de Oliveira e  
Vera Lúcia Pires de Oliveira que nunca  
mediram esforços para que eu chegasse até  
aqui*

*“O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia”.*

***(Grande Sertão Veredas,  
Guimarães Rosa)***

*O meu pulso, impulso, é lutar  
É bandeira de pura indignação  
No remoto, devoto, sou ação  
Eu persisto com voz de  
transformar  
Sou vacina prá o mal de odiar  
Eu professo o pensar do meu  
sentir  
No momento em que sinto o advir  
É a vez e a voz do que é premente  
Ecoando meu grito no presente  
Vou plantando sementes do devir*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Quantidade de entrevistados por período e turno.....	19
Gráfico 1 - Utilização do gênero Seminário.....	19
Gráfico 2 - Eficácia metodologia do Seminário.....	20
Gráfico 3 - Forma de utilização da metodologia do seminário.....	20
Gráfico 4 - Metodologia utilizada no seminário acadêmico.....	21
Gráfico 5 - Apresentação da metodologia do seminário.....	23
Quadro 2 - Opções de respostas à questão 6.....	23
Gráfico 6 - Aplicação do seminário.....	25
Gráfico 7 - Leituras preparatórias do gênero.....	27
Quadro 3 - Opções de respostas à questão 9.....	27
Gráfico 8 - Discussões após as apresentações.....	28

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	10
2 ORALIDADE: VOZ EM ATUAÇÃO.....	11
3 GÊNERO SEMINÁRIO NA FORMAÇÃO DOCENTE.....	14
4 LETRAMENTO: ASPECTOS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO .....	16
5 GÊNERO SEMINÁRIO: UM INSTRUMENTO POSSÍVEL PARA O LETRAMENTO ACADÊMICO.....	17
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	18
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	29
REFERÊNCIAS .....	30
ANEXO – QUESTIONÁRIO .....	33

# O USO DO SEMINÁRIO ENQUANTO GÊNERO ACADÊMICO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LETRAS PORTUGUÊS – UEPB/CAMPUS I

## THE USE OF THE SEMINAR AS AN ACADEMIC GENRE FOR THE TRAINING OF PORTUGUESE TEACHERS – UEPB/CAMPUS I

Taisa Gleicy de Oliveira Pires<sup>1</sup>

Marcelo Vieira da Nóbrega<sup>2</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa, de natureza quali-quantitativa, bibliográfica e documental, busca investigar a aplicação e eficácia do gênero acadêmico Seminário, enquanto instrumento de letramento, na Licenciatura de Letras Português da UEPB Campus I. Para tal, de modo específico, objetivamos: a) analisar os diferentes impactos da aplicabilidade deste gênero nas aulas do curso de Letras Português; b) Quantificar a presença deste gênero no contexto acadêmico. Neste sentido, este estudo justifica-se na medida em que levanta a discussão, na academia, acerca da importância do gênero oral seminário enquanto instância de letramento, gênero de uso recorrente. Entretanto, questiona-se: em que níveis essa aplicabilidade é efetiva e eficaz? Como o gênero está sendo utilizado nas salas de aulas de licenciatura em Letras Português? Baseamos nos fundamentos teóricos Rojo (2009); Vóvio e Kleiman (2013) e Street (2014) para as concepções de Letramento; Magalhães e Reis (2022) para as questões de letramento acadêmico; Feliciano (2014) e Meira e Silva (2013) para as reflexões do gênero seminário na prática docente; Marcuschi (2010) e Zumthor (2014) para nos subsidiar nas compreensões de oralidade, performance e vocalidade. Consideramos que este estudo é importante para a academia na medida em que evidencia o trabalho com o gênero seminário no curso de formação do professor de Letras Português no Campus I. Com efeito, os dados analisados, a partir de um questionário aplicado por meio de um aplicativo de mensagens instantâneas, WhatsApp, apontam para uma discussão acerca do uso efetivo do gênero seminário, que necessita, metodologicamente, ser melhor aplicado, sempre na perspectiva de um uso efetivo, e que consiga ser um instrumento de letramento e, assim, instigue o pensamento crítico-reflexivo dos futuros professores de Letras Português.

**Palavras-Chave:** Formação de professores; gênero seminário; letramento; oralidade.

### ABSTRACT

This research has a qualitative, quantitative, bibliographic, and documentary-based, seeks to investigate the application and effectiveness of the academic genre Seminar, as a literacy (Letramento) instrument, in the Portuguese Language Degree at Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I. To this, specifically, we aim to: a) analyze the different impacts of

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras- Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. taisa.pires@aluno.uepb.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1157401638003892>

<sup>2</sup> Doutor em Linguística (UEPB) e docente efetivo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Líder do Grupo de Pesquisa de Estudos da Oralidade (GRUPEO/UEPB/CNPq). E-mail: marcelonobrega@servidor.uepb.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8438556222953242>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1692-959X>.

the applicability of this genre in Portuguese Language Degree classes; b) quantify the presence of this genre in the academic context. In this sense, this study is justified because it raises a discussion, in the academic environment, about the importance of the oral seminar genre as an instance of literacy, a genre of recurrent use. However, it arises some questions: at what levels is this applicability effective and efficient? How is this genre being used in Portuguese Language Degree teaching classrooms? We are based on the foundations of Rojo (2009); Vóvio and Kleiman (2013) and Street (2014) for the concepts of Literacy; Magalhães and Reis (2022) for academic literacy issues; Feliciano (2014) and Meira e Silva (2013) for reflections on the seminar genre in teaching practice; Marcuschi (2010) and Zumthor (2014) to support our understanding of orality, performance, and vocality. We consider this study important for the academy as it evidences the work with the seminar genre in the training course for Portuguese teachers on Campus I, at UEPB. In effect, the data analyzed, based on a questionnaire applied through an instant messaging app (WhatsApp), points to a discussion about the effective use of the seminar genre, which methodologically needs to be better applied, always from the perspective of effective use, and which can be a literacy instrument and, thus, instigate the critical-reflective thinking of future of Portuguese teachers.

**Key words:** Teachers training; Seminar genre; Literacy; Orality

## 1 INTRODUÇÃO

Os gêneros textuais, orais e escritos, possuem estruturas e formas relativamente estáveis, que “contribuem para ordenar e estabilizar atividades comunicativas do dia a dia” (Marcuschi, 2010, p.19) caracterizados por aspectos sociocomunicativos e funcionais, devido aos objetivos que se diversificam, no contar fatos, relatar experiências, entre tantos outros. Assim, se materializam e se determinam por suas formas, funções e/ou suporte, sendo escritos ou orais. De acordo com Melo (2019) no tocando aos gêneros orais, como o debate, a palestra, a entrevista, o seminário etc, existe ainda uma tendência em certos contextos de ensino, em considerá-los apenas como fim conteudístico e não como objeto de ensino.

Segundo Barros-Mendes (2005)

A linguagem oral é vista sob dois modos principais: como meio e como objeto. O primeiro modo se caracteriza pela exploração de três objetos típicos da aula de português: leitura e compreensão de textos, produção de textos escritos e conhecimentos linguísticos, sobretudo gramaticais. O segundo modo, por outro lado, enfatiza o ensino sistemático dos gêneros orais formais e públicos, como os citados anteriormente, a partir de três perspectivas: imersão, transmissão e reflexão. Barros e Mendes, 2005 apud Melo, 2019, p. 11)

Dessa forma, se formos pensar no espaço restrito que a oralidade tem na formação básica, e, que possui consequências bastante evidenciadas na formação superior de tais indivíduos, o trabalho com tais gêneros carece de mudanças, pois “a oralidade se resumiu a simulações de fala, como a oralização do texto escrito. Decorrente dessa carência de estudos que contemplem gêneros orais, há pouca literatura disponibilizada acerca do seminário acadêmico” (Melo, 2019, p. 12).

No contexto acadêmico, existe uma certa expectativa de que o aluno já tenha desenvolvido habilidades de comunicação oral. Parece-nos uma utopia, já que a oralidade quase não é trabalhada desde a educação básica. Quando aparece é exigido dos alunos apenas que

usem o famoso “decoreba” das partes do conteúdo para a apresentação. Fica, com efeito, a cargo do professor apenas atribuir uma nota para o momento expositivo. Dessa forma, ao adentrar no curso de licenciatura a realidade aponta para um cenário preocupante “os alunos universitários ainda não dominam a maioria dos gêneros, sobretudo os orais” (Melo 2019, p. 14).

Em uma proposta de ensino diferenciado, efetivo e voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades, o gênero seminário é um importante instrumento para o trabalho com o oral. A oralidade em sala de aula configura-se como um aspecto essencial para o processo de letramento dos indivíduos. Assim, faz-se necessário o uso efetivo desse gênero nos cursos de formação de professores de linguagens.

Dito isto, esta pesquisa, de natureza quali-quantitativa, bibliográfica e documental, busca investigar a aplicação e eficácia do gênero acadêmico Seminário, enquanto instrumento de letramento, na Licenciatura de Letras Português da UEPB Campus I. Para tal, de modo específico, objetivamos: a) analisar os diferentes impactos da aplicabilidade deste gênero nas aulas do curso de Letras Português; b) Quantificar a presença deste gênero no contexto acadêmico.

As bases documentais e teóricas que constituem esta pesquisa encontram-se em: Rojo (2009); Vóvio e Kleiman (2013) e Street (2014), para as concepções de Letramento; Magalhães e Reis (2022) para as questões de letramento acadêmico; Feliciano (2014) e Meira e Silva (2013) para as reflexões do gênero seminário na prática docente; Marcuschi (2010) e Zumthor (2014) para nos subsidiar nas compreensões de oralidade, performance e vocalidade.

Neste sentido, este estudo justifica-se na medida em que levanta a discussão, na academia, acerca da importância do gênero oral seminário enquanto instância de letramento, gênero de uso recorrente. Entretanto, questiona-se: em que níveis essa aplicabilidade é efetiva e eficaz? Como o gênero está sendo utilizado nas salas de aulas de licenciatura em Letras Português?

Com efeito, o corpus de análise para esta pesquisa consistiu na oitiva de alunos da licenciatura em Letras Português do 4º ao 10º período, através da aplicação de um questionário disponibilizado no Google forms e enviado em grupos de um aplicativo de mensagens instantâneas dos respectivos alunos.

## **2 ORALIDADE: VOZ EM ATUAÇÃO**

A oralidade é uma das competências linguísticas fundamentais e indispensáveis no processo de comunicação humana. Ela permite a interação, a expressão de sentimentos, ideias e informações, a construção de relações sociais e a negociação de significados em diferentes contextos comunicativos.

No contexto acadêmico, a oralidade precisa ser trabalhada como uma habilidade a ser desenvolvida e aprimorada. Com isso, esse processo pode ser desafiador para aqueles que estão ingressando em uma formação docente. Posto isso, podemos evidenciar que a oralidade é uma ferramenta de avaliação interativa, principalmente para o futuro professor de Letra Português, pois é comum o uso de gêneros orais para construção da postura do professor no seu espaço, a sala de aula.

Assim, é importante que os discentes sejam capazes de se comunicar com clareza, coesão e coerência, de compreenderem e interpretar diferentes tipos de discursos orais e de participarem ativamente de debates, discussões e apresentações. Desenvolver a oralidade também contribui para a melhoria da autoestima e da autoconfiança dos discentes, além de ser uma habilidade fundamental para a vida profissional e social.

Porém, muitas vezes a oralidade é negligenciada nas academias, sendo vista como uma habilidade natural e dispensável. É necessário que os educadores tenham consciência da sua

importância e que criem oportunidades para que os seus alunos e futuros profissionais desenvolvam essa habilidade de forma efetiva.

Uma atividade oral bastante comum nos cursos de formação docente é o gênero seminário, enquanto instância de ensino/aprendizagem. No processo de comunicação e letramento a fala e escrita são fenômenos essenciais. É por meio desses processos que se realiza a interação de indivíduos e se constitui a língua no seu eixo social. É também por meio da fala que interagimos e nos comunicamos com as pessoas ao nosso redor.

A fala é essencial em nossa sociedade, considera como “forma de produção textual-discursiva oral, sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano” (Marcuschi, 2010, p.25). Temos, assim, uma principal característica para evidenciar a fala como um mecanismo presente, forte e eficaz em nossa vida humana.

Sobretudo, em uma sociedade grafocêntrica, a escrita culta padrão da língua portuguesa é um meio mais privilegiado e que possui maior destaque, também nas formações dos docentes de língua portuguesa. Assim, a oralidade recebe pouco espaço em meio a regras e teorias. O professor de Letras Português precisa ser envolvido em práticas de letramento eficazes e significativas para o seu processo de formação.

Posto isso, é essencial que as noções de letramentos sejam debatidas, fomentadas e, sobretudo, significantes para os futuros professores, que assim precisarão auxiliar outros indivíduos no seu processo de dominar habilidades de leitura e escrita e incorporá-las às práticas sociais. Chamamos isso de letramento. Ou seja,

[...] enquanto não foram intensas as demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita, enquanto não foi uma realidade percebida e reconhecida um certo “estado” ou “condição” de quem sabe ler e escrever, o termo oposto a analfabetismo não se mostrou necessário — e não tínhamos usado o termo alfabetismo (Soares, 1995, p. 7 apud Winck, 2019).

Para Marcuschi (2010) a oralidade é uma prática social interativa que se apresenta de diversas formas e é utilizada para fins comunicativos. Os gêneros textuais orais são fundados na realidade sonora. O autor classifica o Brasil como uma sociedade de oralidade secundária, devido ao grande uso da escrita no país.

Dito isto, Marcuschi (2003, p. 16-17) discute acerca da dicotomia oralidade/escrita e suas relações de superioridade/inferioridade. Vejamos:

Numa sociedade como a nossa, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, poder ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno. Não por virtudes que lhe são imanescentes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou as culturas de um modo geral. Por isso, friso que ela se tornou indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder.

Não obstante isso, sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve. Entretanto, isto não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a escrita é derivada e a fala é primária (...) Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. (Marcuschi 2003, p 16-17)

Ademais, o autor caracteriza Letramento como uma prática que envolve variadas práticas de escrita. Para ele, o letramento tem níveis distintos. Desde o analfabeto até os proficientes da língua. A fala é caracterizada como uma forma de produção textual-discursiva

destinada à comunicação na modalidade oral.

Assim, o trabalho com o oral é considerado muito mais do que apenas uma simples diferenciação da escrita, pois ocorre em um “continuum tipológico das práticas sociais de produção de texto” (Marcuschi, 2010, p.37). Para Dolz e Schneuwly (2004) o trabalho com o oral seria uma modalidade da língua em que não pode ser considerada e trabalhada uma relação de substituição ou exclusão com a escrita, mas sim, une-se a ela na formação complemento e união.

Nessa perspectiva, a oralidade é vista como “fenômeno de linguagem heterogênea, dependente de contextos variáveis e em constante interação com a escrita” (Dolz e Scheneuwly, op. cit. p. 144).

Meira e Silva (2013, p. 3) afirmam que os diversos trabalhos com a oralidade desenvolvidos atualmente mostram o seminário como “uma estratégia de ensino socializador e um dos momentos mais recorrentes em que essa modalidade se efetiva em sala de aula, apesar de ainda não ocorrer de forma sistematizada e relacionada à produção oral formal de instâncias públicas”.

Inicialmente, a Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC, no eixo da Oralidade, apresenta o seminário como uma das práticas de linguagem que ocorrem em situação oral na sala de aula. Assim, essas práticas orais precisam envolver a “oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação” (BNCC, 2018, p. 81).

Segundo Peronico (2021) a BNCC norteia as práticas de ensino em todo o Brasil, enfatizando o que seria essencial ensinar para que todos os indivíduos tivessem as mesmas oportunidades. Portanto, o documento norteia as competências e habilidades para cada um dos níveis, desde a educação infantil até o ensino médio.

Dessa forma, o eixo da oralidade junta-se aos eixos de produção de textos e leitura/escuta essenciais no ensino de linguagens. Cada um tem sua significância no processo de ensino e aprendizagem do aluno. Para Peronico (2021), cabe ao professor observar as reflexões presentes no documento para a área da oralidade, e assim, incluir em seus projetos pedagógicos.

Peronico (2021) afirma que essa rejeição e/ou não uso da oralidade parece vir da própria concepção oral que muitos docentes possuem, tendo em vista a falsa ideia de que a oralidade é ser algo intrínseco ao dia a dia do estudante. Segundo Antunes (2003):

[...] uma quase omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar; essa omissão pode ter como explicação a crença ingênua de que os usos orais da língua estão ligados à vida de todos nós que nem precisam ser matéria de sala de aula (Antunes, 2003, p. 24 ).

Portanto, é preciso pensarmos em como esse trabalho com a oralidade acontece nas salas de aula do curso de Letras Português. A autora supracitada cita algumas consequências importantes que essa concepção errada de oralidade pode causar. Inicialmente, ela pontua que a língua falada é o local da desorganização, do erro. Outra concepção errada seria que a modalidade oral da língua já está no cotidiano dos discentes e, por essa razão, não precisaria de intervenções por parte do professor. De acordo com Peronico (2021, p. 3) “em consonância com esses ideais, os livros didáticos, por vezes, parecem perpetuar essas concepções e propõem apenas exercícios como *converse com o seu colega* ou *dê sua opinião* para atividades com a oralidade”.

Ademais, o trabalho com a oralidade é omissivo, desprezioso, secundário ou inexistente desde a formação inicial dos indivíduos. Nos cursos de formação de professores de Letras Português é preciso que não se repita essa velha prática existente com o trabalho dos gêneros orais, visto que é a partir de um trabalho efetivo de tais gêneros que os discentes

conseguem aprimorar suas habilidades orais e construir um letramento acadêmico essencial para a sua vida profissional.

No excerto abaixo, a autora afirma que:

uma equivocada visão da fala, como o lugar privilegiado para a violação das regras da gramática. De acordo com essa visão, tudo o que é “erro” na língua acontece na fala e tudo é permitido, pois ela está acima das prescrições gramaticais; não se distinguem, portanto, as situações sociais mais formais de interação que vão, inevitavelmente, condicionar outros padrões de oralidade que não o coloquial (Antunes, 2003, p. 24-25).

Portanto, essa é a visão pública da linguagem, reforçada na BNCC, que ressalta a importância de ensinar os discentes a utilizarem a linguagem em contextos públicos, ou seja, formal de uso da língua. Ressalta-se essa importância para os alunos do curso de licenciatura em Letras Português. Peronico (2021) afirma que “os gêneros orais públicos exigem do falante uma postura diferenciada, pois necessita de preparação linguística e corporal, de compreensão do funcionamento do gênero e de escolhas lexicais adequadas”.

De acordo com Schneuwly & Dolz (2004)

Os gêneros orais públicos são aqueles que: [...] constituem as formas de linguagem que apresentam restrições impostas do exterior e implicam, paradoxalmente, um controle mais consciente e voluntário do próprio comportamento para dominá-las. São, em grande parte, predefinidos, “pré-condicionados” por convenções que os regulam e que definem seu sentido institucional. Mesmo que se inscrevam numa situação de imediatez, já que muito frequentemente a produção oral se dá em face dos outros, as formas institucionais do oral implicam modos de gestão mediados, que são essencialmente individuais. Exigem antecipações e necessitam, portanto, preparação. (Schneuwly & Dolz, 2004, p. 147).

Dessa forma, em um mundo cada vez mais dinâmico, é essencial pensarmos em práticas didático-pedagógicas que construam um ensino que permita aos alunos aprenderem a se comunicarem efetivamente em diferentes contextos da linguagem e, assim, conseguirem se sair melhor no âmbito profissional e pessoal. Por esse motivo, também é nas academias o local onde deve ser desenvolvida uma maior padronização de uma linguagem oral pública para que os discentes dos cursos de formação em Letras Português sejam sujeitos que enfrentem as diferentes situações sociais em que estarão inseridos e fazendo um adequado uso dos gêneros orais. E, ainda para que consigam cumprir o papel que se é esperado, o de ensinar a língua nas suas diferentes formas e contextos.

Ademais, quando falamos em linguagem corporal ancoramos-nos nas concepções de Zumthor (2014). Para que aconteça a performance de modo efetivo, é necessário que “o indivíduo de que se percebe, na performance, a voz e o gesto, pelo ouvido e pela vista”. (ZUMTHOR, 1997, p. 225). Assim, a leitura oral-performatizada precisa tocar aqueles que ouvem por meio de elementos que perpassam a voz: corpo e gesto.

### **3 GÊNERO SEMINÁRIO NA FORMAÇÃO DOCENTE**

Para Althaus (2011), o seminário surgiu no fim do século XVII, na Alemanha, nas universidades e tinha características bem definidas, sendo um instrumento para socialização de textos nos quais, os alunos ficavam em torno de mesas e coordenados por professores comentavam os textos e apresentava opiniões, promovendo, assim, debates a partir de interpretações divergentes. No entanto, essa prática inicial limitava-se ao uso informal da

língua, em que “se confunde seminário com momentos de produção espontânea de fala ou ainda discussão e debate” (Althaus apud Feliciano, 2014, p.21).

Já na década de 90, então, o seminário assume um papel importante, voltando o olhar para sua aplicação no ensino superior como uma prática pedagógica mais eficiente e democrática que permitiria uma melhor troca intelectual igualitária entre os participantes. Com o passar dos anos, o seminário foi adquirindo as mesmas características da aula expositiva, em que apenas substituiu o professor pelos expositores (Feliciano, 2014).

De acordo com Bezerra (2003) o seminário pode ser entendido como uma discussão oral e coletiva que acontece em sala de aula, cujo objetivo é explorar de forma efetiva e aprofundada temas determinados. Assim, os participantes precisam ler com antecedência o conteúdo da sua apresentação, ouvir e anotar informações, se posicionar a seu respeito, para encerrar com uma avaliação escrita ou oral.

Meira e Silva (2013, p. 5) afirmam que etimologicamente a palavra seminário origina-se do latim “seminarium” que significa viveiro de plantas. Assim, a ideia de transmissão, passagem, plantio e colheita de conhecimentos parece se distanciar dos estudos da linguagem, mas apresenta uma noção essencial. Assim, a noção essencial, de acordo com as autoras, está voltada para o espaço de crescimento e construção em que os seminaristas propõem-se a plantar, espalhar um saber em um campo fértil que é a sala de aula. É, pois, esse ambiente propício para regar situações semelhantes e plantar saberes e colheita de novos conhecimentos e/ou saberes.

Dessa forma, o seminário abre lugar, em sala de aula, para um crescimento e desenvolvimento de saberes uma vez que é por meio da interação de reflexão dos conteúdos abordados que os discentes conseguem ir construindo o seu pensamento crítico-reflexivo. E, ao plantarem em um espaço fértil que deve ser as instituições escolares, moldam e tecem o seu letramento, ajudando o letramento dos demais, pois, é por meio da integração, que o conhecimento é construído.

Chaves (2008) conceitua o seminário como um gênero oral público, específico da sala de aula. Apresenta uma estrutura mais ou menos formal, entre expositor, auditório e banca apreciadora, e tem por fins de aquisição transmissão e avaliação da aprendizagem de saberes escolares.

Segundo Feliciano (2014) o uso do seminário está inserido em um evento de oralidade formal, com o intuito de prática avaliativa. Para isso, é preciso envolver interações, postura adequada dos seminaristas, gêneros variados e estratégias de construção de conhecimentos. Assim, é configurado como planejado, pois é pensado, organizado e projetado pelo grupo para transposição do conteúdo, mas sujeito à dinâmica da oralidade presente na sala de aula.

Nesse sentido, Feliciano (2014) afirma que a

realização dessa prática no ensino superior, especificamente na formação de professores de língua portuguesa, contribui no desenvolvimento da competência comunicativa dos sujeitos e na formulação de estratégias flexíveis da prática docente, tanto no que diz respeito ao conteúdo, o fazer-saber, quanto à práxis, o saber-fazer (Feliciano, 2014, p.8).

Chaves (2008) evidencia pontos importantes no trabalho com gêneros na prática docente. Ademais, essa prática configura-se, no dizer bakhtiniano, como uma força centrífuga, uma vez que trabalha, não mais o homogêneo, mas sim o plurilinguismo, o heterogêneo. Portanto, ensinar por meio de gêneros é uma metodologia que visa o professor como um instrumento não mais de transmissão de saberes, ao contrário, provoca-o a uma iniciação à produção dialogada de saberes, conhecimento.

Desta forma, o trabalho com o gênero seminário em salas de aulas do curso de formação do professor de letras português precisa ser voltado para o desenvolvimento de competências comunicativas, visto que é por meio do desenvolvimento de tais competências que os discentes



são instigados a formularem estratégias de prática docente, no que diz respeito ao fazer por saber como fazer e o saber para fazer, corroborando com Feliciano (2014, p. 10) “em situações como o seminário, correspondem à prática letrada escolar e contribui para o desenvolvimento da língua em diferentes graus de formalidade, como exigido em instâncias públicas”.

Posto isso, é importante pensarmos em um uso efetivo de tal gênero oral público para que os discentes do curso de Letras Português do campus I da UEPB consigam utilizar o seminário como um objeto de ensino eficaz para o seu desenvolvimento profissional e letramento acadêmico, visto que é ao serem estimulados ao desenvolvimento de habilidades e prática docente que os alunos conseguem se familiarizar com o seu espaço, que será a sala de aula.

#### **4 LETRAMENTO: ASPECTOS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO**

O conceito de letramento surge apenas na década de 1970. O que se trabalhava eram questões simplesmente pedagógicas e o sentido de alfabetização estava ligado ao domínio da regra gramatical da língua. Portanto, era considerado alfabetizado o sujeito que dominasse a leitura e a escrita. Já a década de 80, seria marcada pelas denúncias de um sobressalto nos índices de repetência, especialmente nas classes de alfabetização. Devido à abertura política, pós-regime militar, os problemas educacionais e de alfabetização, passaram a ser vistos a partir de outros fenômenos envolvidos. (Figueiredo e Freitas, 2019, p. 2)

Freire (1981) apresenta o conceito de alfabetização como formação de consciência política e de leitura de mundo que proporciona sentido para a vida do indivíduo. Entretanto, para Freire (1981) o conceito de alfabetização implica fazer questionamentos da realidade socioeconômica como uma possibilidade de transformação das estruturas de poder social.

Sabemos que é por meio da construção de um pensamento crítico que os indivíduos se tornam efetivamente letrados e capazes de construir, pensar e analisar situações no seu dia a dia. Assim, não diferente disso, enquanto profissionais de letras precisamos ser seres letrados e não apenas seres que conseguem decorar partes de textos e/ou teorias voltadas para a educação.

Para Santos (2019) o conceito de letramento deve ser entendido no plural, letramentos. Nesse sentido, é entendido como um conjunto de práticas sociais, e conseqüentemente as práticas de leitura e escrita são consolidadas nessas diferentes e específicas práticas sociais.

Segundo Mortatti (2004, p. 69) apud Figueiredo e Freitas (2019, p.3)

As discussões e análises dos problemas educacionais brasileiros passaram a abranger programaticamente largo conjunto de aspectos – políticos, econômicos, sociais e pedagógicos – e a se orientar, predominantemente, por uma teoria sociológica dialético-marxista, divulgada e/ou formulada por intelectuais acadêmicos brasileiros de diferentes áreas do conhecimento, em especial Sociologia, Filosofia, História e Educação.

Vóvio e Kleiman (2013, p.179) apresentam que o conceito de letramento corresponde a um método que deve ser adotado por discentes no ensino da língua escrita, ou ainda, corresponde a capacidades mensuráveis na população, ou em subgrupos dela. Assim, letramento e alfabetização dizem respeito a um mesmo fenômeno.

Torres e Lima (2019) afirmam que precisamos entender que alfabetizar indivíduos não é mais suficiente, no cenário social atual, tendo em vista que esse conceito está relacionado à leitura primária, ou seja, à decodificação de palavras. Janks (2016, p.24) diz que para “ler” textos nós precisamos “entender muito mais do que tão somente os aspectos linguísticos”. Fomentar a criticidade nas instituições públicas e privadas escolares é imprescindível, e nos

leva, ao mesmo tempo, a chegar em um tipo de letramento específico: crítico.

Sermos capazes de ler, interpretar e estabelecer sentidos nos diversos enunciados que são proferidos é fundamental para que sejamos cada vez mais uma sociedade educada, letrada e proficiente. Ou seja, falantes que sabem usar, entender e interpretar a língua em seus diversos usos e contextos.

De acordo com Solé (1998)

[...] compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é instrumento necessário para que nos manejamos com certas garantias em uma sociedade letrada. (1998, p. 18)

A autora afirma como importantes as práticas de leitura de textos, para uma maior autonomia em uma sociedade letrada.

Rojo (2009) apresenta o conceito de letramento a partir não só de uma única prática, mas de “Letramentos múltiplos”, ao situar para o letramento na escrita, que vem associado à escola e o letramento na oralidade em que as crianças mostram habilidades de fala antes mesmo da alfabetização ser completa. Com isso, a escola é uma das instituições capacitadoras para formar indivíduos letrados. Não só apenas na decodificação e aquisição de códigos linguísticos, mas em formar sujeitos pensantes, críticos e assim sendo capaz de transformar alunos em sujeitos totalmente letrados.

Coelho e Silva (2017) afirmam que o conceito de letramento está interligado aos usos sociais da língua escrita e oral em todos os lugares, não apenas no âmbito escolar. Assim, o letramento se realiza em todos os lugares, comum em diversas situações do cotidiano, auxiliando na leitura no ônibus, igreja, lojas e diversos outros contextos do nosso dia a dia.

## **5 GÊNERO SEMINÁRIO: UM INSTRUMENTO POSSÍVEL PARA O LETRAMENTO ACADÊMICO**

Fiad (2015) afirma que letramento acadêmico é um conjunto de prática de escrita que propiciam um olhar mais crítico e questionador para práticas de letramento não apenas no contexto universitário, mas no “contexto acadêmico entendido de modo mais amplo, envolvendo, por exemplo, publicações em periódicos científicos e eventos científicos como conferências e congressos” (Fiad, 2015, p.26).

Magalhães e Reis (2022) afirmam que Valorizar as dimensões universitária, intelectual e investigativa na formação de professores requer:

i) a realização de escolhas contextualizadas com as recentes pesquisas do campo de atuação; (ii) a promoção de pesquisa no campo escolar, (iii) a responsabilidade enunciativa com relação aos documentos prescritivos da formação e do trabalho e (iv) a proposição de práticas educacionais que promovam problematização, pesquisa e experiências curriculares de diferentes naturezas aos licenciandos. (Magalhães e Reis, p. 4, 2022)

Para Street (2014) às noções de letramento e a multiplicidade das práticas letradas se relacionam aos vários papéis sociais assumidos pelos sujeitos em contextos específicos, destacando a natureza social e cultural da escrita. Assim, denomina dois modelos: autônomo e ideológico (1984). O primeiro, denomina-se como singular, excluindo diversos modos e concepções de uso da escrita, destacando técnicas próprias dos sujeitos e usos em contextos

específicos, perspectiva dominante na teoria educacional. Já o segundo é compreendido como processos sociais “de leitura e escrita encaixados em relações de poder” (Street, 2014, p.146).

Na universidade, nos cursos de licenciatura em Letras-Português podemos evidenciar que as tarefas recorrentes são provas escritas e seminários como quase únicos meios de avaliação, e ainda existe a concepção de aulas como “transmissão de conteúdo”. (Cruz; Hobold, 2016, p.239)

Ademais, essa é uma problemática importante nos cursos de licenciatura. É importante pensarmos como está sendo formado esse aluno que ainda se depara com aulas apenas expositivas, em que o professor transmite as ideias do texto teórico, sem instigar a comunicação e diálogo por parte dos alunos. E, ao propor o trabalho com o gênero oral, o seminário fica apenas restrito ao caráter avaliativo da “exposição”, agora por parte dos alunos.

Feliciano (2014) afirma que ao observarmos o seminário como objeto de ensino e estudo, que envolve etapas de leitura e escrita, verifica-se uma relação direta com noções de letramento. A autora pontua ainda que:

Nesse caso, a ideia de evento como episódios situados e observáveis – compreendido pelo evento comunicativo – permaneceria, porém o envolvimento e subsídio de materiais escritos fazem assumir o seminário como um evento de letramento, sabendo que “eventos de letramento são eventos comunicativos mediados por textos escritos” (Feliciano, 2014, p. 14)

Fischer (2008, p. 179) afirma que “em virtude dessas práticas de letramento que são próprias do meio acadêmico, muitos alunos podem se sentir distantes, inicialmente, de propostas advindas de professores, por não dominarem as linguagens sociais recorrentes nesse meio”.

Posto isso, é preciso trabalhar os gêneros orais como instrumento de letramento, visto que os alunos ainda não estão aptos a determinados gêneros, uma vez que a oralidade na educação básica é um lugar secundário, esquecido e até mesmo não trabalhado.

No próximo tópico analisaremos os dados coletados a partir da aplicação de um questionário, com o intuito de verificar como está sendo realizado o trabalho com o gênero oral seminário, bastante utilizado nos cursos de licenciatura em letras português na UEPB/ campus I.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados a seguir foram coletados a partir de um questionário<sup>3</sup> online que foi aplicado aos discentes, do 4º ao 10º período, turnos integral e noturno, do curso de licenciatura em Letras-Português do Campus I, situado na cidade de Campina Grande- PB. O questionário enviado por meio de um aplicativo de mensagens instantâneas, WhatsApp, consistia em 10 questões, e foi respondido por 33 discentes com o objetivo de analisar como eles avaliam a aplicação e eficácia do gênero seminário para a sua formação docente.

O quadro abaixo discrimina os períodos em que estão lotados os colaboradores:

**Quadro 1:** Quantidade de entrevistados por período e turno

<sup>3</sup> Link do questionário: <https://forms.gle/wT5KCK6HCPKq1GyM9>

PERÍODOS/TURNOS	QUANTIDADE DE DISCENTES RESPONDENTES
4º período - Noturno	1
6º período- Noturno	6
7º período - Noturno	1
8º período- Integral	1
9º período- Integral	9
9º período- Noturno	4
10º período - Integral	4
10º período - Noturno	7

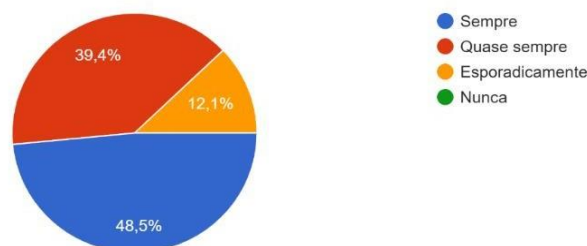
Fonte: elaborado pela autora, 2023

Assim, a maior parte dos entrevistados são discentes que já estão no semestres finais do curso de formação de licenciatura em Letras Português: 60,6% relataram estudar no turno integral e 39,4% no turno noturno.

Ao serem questionados se já utilizam ou já utilizaram o gênero seminário, obtivemos os seguintes dados:

### Gráfico 1: Utilização do gênero Seminário

3- Você utiliza ou já utilizou o gênero seminário:  
33 respostas



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Podemos observar que 88% dos colaboradores, ou sempre, ou quase sempre, se utilizaram do gênero seminário em sala de aula, o que torna seu uso bastante popular na licenciatura em Letras Portugues Campus I/UEPB.

Feliciano (2014) pontua que, na formação inicial, o seminário serve como fonte de verificação da apreensão do conteúdo teórico em construção, sendo assim, proporciona um momento de interação com fins didáticos, em que os discentes podem desenvolver ações semelhantes ao que executará posteriormente em sala de aula como professores, algumas dessas

ações são “planejamento, execução, avaliação, produção de material escrito e abertura para debate com vistas a apreensão do conteúdo” (Feliciano, 2014, p. 20).

Assim, dentre os gêneros orais mais solicitados em sala de aula do ensino superior, especificamente do curso de Letras Português, o seminário se destaca com a frequência em que aparece ao longo de toda a formação docente. No entanto, a solicitação é feita, em sua grande maioria, “sob orientações insuficientes: primeiro, se diz o tema, depois, se dividem os grupos e, por fim, os grupos se apresentam à turma”. Melo (2019, p. 12)

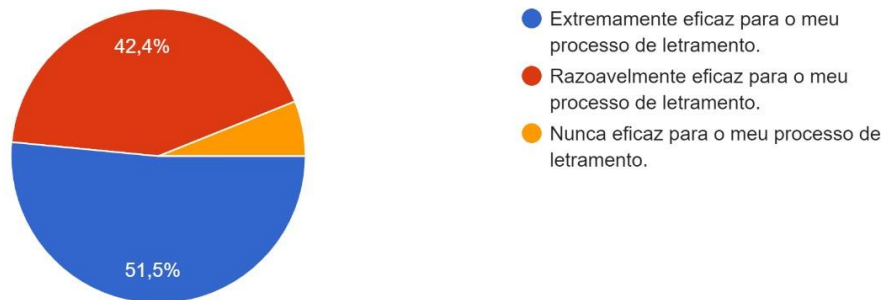
Com isso, temos uma grande problemática: o quanto os professores utilizam esse gênero em sala de aula com o intuito de trabalhar o letramento dos seus discentes? Será que da forma como é apresentado e trabalhado o seminário, os docentes conseguem construir uma efetividade de aprendizagem?

As perguntas e resultados seguintes questionavam como os discentes consideram a metodologia do seminário importante para a sua formação docente, de que forma a esta metodologia é ou já foi utilizada na licenciatura e entender como os discentes analisavam o uso do seminário para a sua formação profissional. Vejamos os gráficos a seguir:

### Gráfico 2: Eficácia da metodologia do Seminário

4- Você considera a metodologia do seminário:

33 respostas

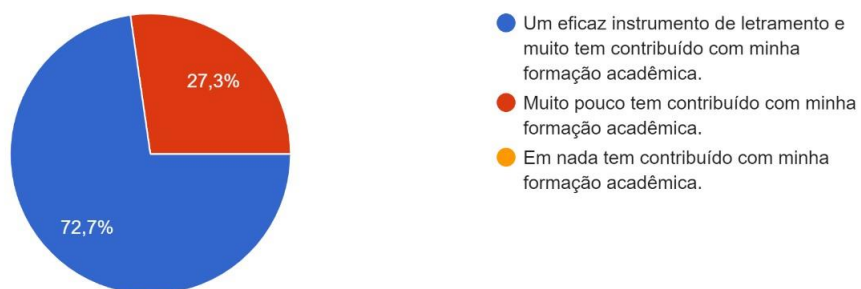


Fonte: Elaborado pela autora, 2023

### Gráfico 3: Forma de utilização da metodologia do seminário

5- Da forma como a metodologia do seminário é ou foi utilizada por você no seu curso acadêmico:

33 respostas

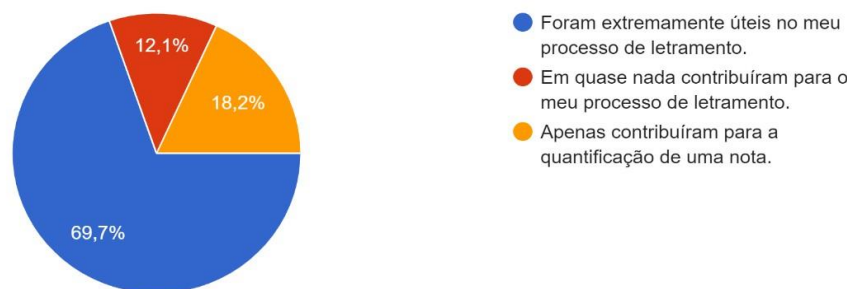


Fonte: Elaborado pela autora, 2023

#### Gráfico 4: Metodologia utilizada no seminário acadêmico

8- Acerca do seminário que já apresentou ou ainda apresenta no seu curso de formação de professor (a), responda:

33 respostas



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Observamos que para 93% dos entrevistados, o seminário é razoavelmente ou extremamente eficaz, e para quase 27% dos alunos, ele muito pouco tem contribuído para a formação. Parece-nos que há dados a serem analisados nas respostas, pois, se para a quase totalidade, o seminário é no mínimo razoavelmente eficaz, isso quer dizer, pelas respostas, que surte efeito até como instrumento de letramento. Entretanto, esses dados vão de encontro às respostas seguintes: para 27%, muito pouco, ou seja, em quase nada, o gênero contribui para o letramento. Há claras contradições no confronto entre as respostas: pelo menos, 20% dos respondentes detêm alguma dúvida em relação à eficácia do gênero.

Assim, quais seriam os motivos pelos quais os alunos relatam tais fatos? O gênero consegue ser um eficaz instrumento de letramento? Quais fatores os levam a não considerar o seminário como eficaz para o letramento?

Ademais, podemos verificar que o maior percentual obtido, a partir das respostas dos discentes, mostra que o seminário é extremamente útil para o processo de letramento. Feliciano (2014, p. ) trata de uma grande problemática nos cursos de formação. Nas palavras da autora “verifica-se ainda que não há uma constância nos cursos de formação, que ora desprezam o *educar* em função de um *treinar*”. Para ela, o seminário se aproxima da ideia do saber-fazer, a partir do desenvolvimento de situações imprevisíveis, pois não existe um molde pré estabelecido a ser treinado, e sim uma prática co-construída entre os discentes.

Posto isso, a aplicação do seminário em sala de aula precisa ser efetiva e ir além de técnicas e exposição de teorias. É preciso que os professores utilizem esse gênero não apenas como uma metodologia de quantificação de notas e sim como um meio de desenvolvimento de letramento e aprendizagem.

Silva (2013, p.46)

Um dos propósitos mais característicos do evento ou atividade seminário é o debate ao contrário da exposição oral, que se refere à apresentação do enunciador sobre um tema. A exposição oral pode ocorrer isoladamente, ou, juntamente com o debate, pode fazer parte do evento seminário.

Diante disso, o seminário necessariamente precisa do debate para construir uma efetiva

troca de conhecimentos entre os indivíduos envolvidos, seminarista e audiência. Isto é, sem uma troca de base crítico-reflexiva acerca do texto e/ou conteúdo que foi apresentado, o gênero oral seminário fica apenas como transmissão de conteúdo sem nenhum aprofundamento e suporte expositivos de conteúdos.

Os dados coletados na quinta pergunta *“Da forma como a metodologia do seminário é ou já foi utilizada no curso acadêmico”*, apontam para a eficácia do gênero seminário como instrumento de letramento para a formação docente. No entanto, qual a visão de eficácia para os alunos do curso de formação? E, ainda, por quais motivos podemos evidenciar que uma quantidade significativa de discentes responderam que muito pouco tem contribuído para a sua formação docente?

Feliciano (2014) afirma que à concepção de seminário enquanto prática letrada, precisa-se considerar a relevância do material escrito como base para a exposição, o foco na responsabilidade com o contexto acadêmico de produção do gênero, e ainda, a construção da atividade com outros instantes do componente curricular, por exemplo, a avaliação que precisa considerar a formação profissional dos discentes.

Posto isso, é a partir de um trabalho efetivo através do gênero seminário que o discente consegue, já nos períodos iniciais de formação docente, construir seu conhecimento e habilidade com o oral a partir do desenvolvimento, isto é, o aprofundamento em determinado conhecimento teórico, a partir da prática social, e assim construir discentes preparados para o evento que é a sala de aula e todas as suas nuances.

Nesse sentido, corroborando com Feliciano (2014, p. 74):

O seminário enquanto objeto de ensino-aprendizagem seria mais que técnicas de passagem do conteúdo, avaliativa ou de desenvolvimento de uma linguagem específica, mas também momento de reflexão, relação e construção de conhecimentos que garantirão aos participantes a convergência da resposta esperada com base nas exposições realizadas.

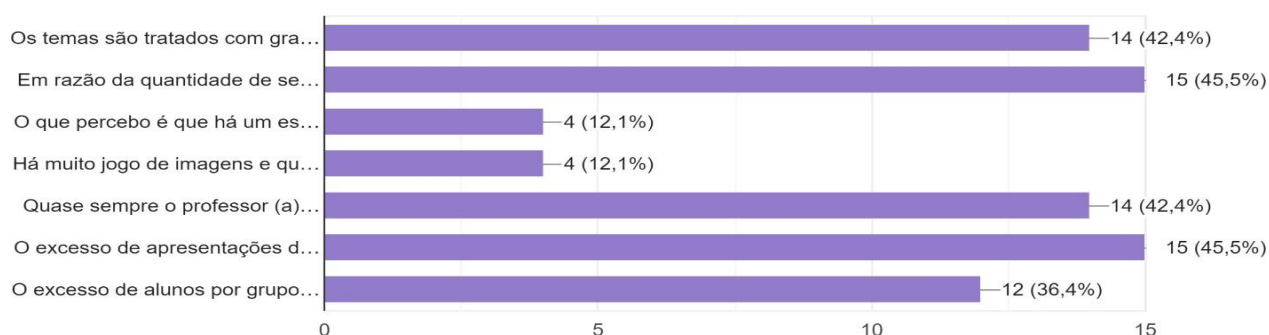
Isto é, o seminário não pode ser, somente, uma estratégia utilizada para quantificação de notas, momentos apenas expositivos e sem reflexões efetivas da temática abordada. Ao analisarmos os dados, podemos observar que mais de 30% dos alunos responderam que o seminário em quase nada construíram para o seu letramento acadêmico, ou serviram apenas para quantificação de uma nota. Dessa forma, na visão de uma quantidade significativa de discentes o seminário, em relação a sua aplicabilidade, se mostra apenas como um suporte para o professor conseguir atribuir uma nota aos alunos.

Posto isso, parece-nos que os motivos pelos quais cerca de 54,5% dos entrevistados, percentual obtido nas respostas 4 e 8, considerarem que o seminário, razoavelmente ou em quase nada, tem contribuído para a sua formação docente e para o seu letramento acadêmico, estão evidenciados nos dados obtidos no questionamento seguinte que teve o intuito de sondar acerca da metodologia acadêmica dos seminários em sala de aula. Vejamos os seguintes resultados:

**Gráfico 5:** Apresentação da metodologia do seminário

6- Sobre a metodologia do seminário acadêmico, você pode concluir que: Pode marcar mais de uma opção

33 respostas



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

### Quadro 2: Opções de respostas à questão 6

Os temas são tratados com grande medida, profundamente através de recursos didático-pedagógicos acessíveis e atraentes.
Em razão da quantidade de seminário propostos em uma vez, não há a devida profundidade temática, embora os recursos didático-pedagógicos sejam atraentes e agradáveis.
O que percebo é que há um espetáculo de imagens muitas vezes atraentes e chamativos que obscurece a discussão dos temas propostos.
Há muito jogo de imagens e quase nenhuma discussão temática.
Quase sempre o professor (a) não explora, como deveria, os temas abordados, deixando-se levar pela superficialidade destes, apenas sobre a visão dos alunos.
O excesso de apresentações de seminários em uma aula impede que os temas sejam devidamente aprofundados.
O excesso de alunos por grupo, associado ao tempo curto de exposição dos temas, impossibilitam um maior aprofundamento.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Aqui os alunos tiveram a opção de marcar mais de uma alternativa. Houve certo equilíbrio nas respostas. Quase metade dos colaboradores classificaram o gênero como um espetáculo de imagens atraentes, mas de pouca profundidade, já que o excesso de apresentações e/ou o excesso de alunos por grupo impedem o seminário de ser eficaz, isto é, atingir seu objetivo, que é letrar. Portanto, os dados apontam para algumas conclusões que, a princípio, negam a resposta 4 (Em que quase 94% consideram o seminário no mínimo razoavelmente eficaz).

Com isso, observamos que a presença dos recursos didático-pedagógicos atraentes para criação e elaboração dos alunos é uma realidade na exposição dos conteúdos por meio desse gênero oral. No entanto, mesmo com a presença ou ausência desses recursos, é perceptível que os alunos identificam a falta de discussões mais aprofundadas dos temas expostos.



De acordo com Feliciano (2014) o seminário ocupa um dos raros momentos em que a oralidade formal configura-se como objeto de ensino e estudo. Além disso, foi considerado por muito tempo como meio limitador no ensino de conteúdos, pela ausência de interação entre o aluno-conteúdo-professor, devido ao não aprofundamento do assunto e com efeito de letramento.

Assim, a falta de interação entre aluno-conteúdo-professor nos parece ser um problema presente no curso de formação de professores de Letras Português do Campus I/UEPB, devido aos números significativos de afirmativas acerca da metodologia utilizada pelos docentes com o trabalho com do gênero seminário.

Desta forma, aponta-se-se uma problemática para a qual docentes e discentes precisam melhor analisar: afinal, qual a eficácia deste gênero em sala de aula? Em que níveis o gênero está letrando? Em que sentido instiga o pensamento crítico-reflexivo?

Feliciano (2014) afirma que o seminário, na formação de professores, é entendido como um critério de avaliação, por ser um momento de exposição próximo do evento aula, situação para a qual os discentes estão sendo formados. Assim, alguns aspectos podem ser destacados nos dois gêneros: o planejamento, exposição, reflexão de conteúdo e interação.

No entanto, a autora supracitada afirma que o seminário deve “expressar o resultado de um processo de aperfeiçoamento da prática realizada na escola, abarcando novas possibilidades e características que garantirão a sua qualidade e a confirmação dos seus objetivos”. Entretanto, nem sempre é o que se verifica” (Feliciano, 2014, p. 2).

Podemos observar que cerca de 36,4% dos futuros docentes afirmam que “*O excesso de alunos por grupo, associado ao tempo curto de exposição dos temas, impossibilitam um maior aprofundamento*”. Essa problemática parece estar associada ao tempo de duração das exposições temáticas.

Chaves (2008) afirma que a sala de aula deve se propor a ser um palco aberto ao exercício da oralidade. No entanto, ainda se tem a visão errada que trabalhar a oralidade consiste em reproduzir textos escritos por auxílio da voz, ou, ainda, como espaço para o uso espontâneo da palavra ou conversa descontraída. Assim, não existe uma total preocupação e inclinação para uma percepção do oral como objeto de ensino, parece-nos, como uma mera estratégia de condução ao melhor domínio da escrita. Portanto, a oralidade é vista como uma modalidade defeituosa, inferior, servindo apenas para aperfeiçoar a escrita.

Diante disso, parece-nos que o trabalho com o gênero seminário no curso de licenciatura em Letras Português no campus I necessita, metodologicamente, ser melhor refletido, sempre na perspectiva de uso seja efetivo; e que consiga ser um instrumento de letramento e, assim, instigue o pensamento crítico-reflexivo dos futuros professores de linguagens.

Em relação à aplicação da metodologia do seminário na formação dos discentes, obtivemos os seguintes dados:

#### **Gráfico 6:** Aplicação do seminário

## 7- Sobre a aplicação da metodologia do seminário na sua formação, você acredita que:

33 respostas



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Evidenciamos que o maior percentual de alunos afirmaram que a aplicação da metodologia do seminário é extremamente importante para sua formação docente.

No entanto, observamos ainda que quase 30% das respostas se dividiram entre: uso improdutivo, forma de o professor se omitir de ministrar aulas, e ainda, a total negação do uso do gênero no curso de formação do docente em Letras Português. Parece-nos que o fato de 73% dos entrevistados considerarem o gênero seminário como sendo extremamente importante não quer dizer que o aprovelem da forma como é ministrado nas aulas. Pois, quando questionados na questão anterior, acerca da metodologia acadêmica dos seminários em sala de aula, como já observado, cerca de quase 94% dos discentes responderam que no mínimo consideram razoavelmente eficaz nas aulas do curso de Letras Português.

Feliciano (2014) afirma que o uso do seminário é uma prática já institucionalizada e com foco na área da educação, sendo utilizada como uma técnica que visava a passagem do conhecimento. Assim, a autora afirma que a metodologia utilizada seguiu a mesma lógica e objetivo do ensino mecânico que ainda podemos ver em evidência, sendo caracterizado pela abordagem superficial dos conteúdos, a falta de interatividade dos envolvidos e substituição do monólogo do professor pelo monólogo do aluno.

Dessa forma, com uma metodologia voltada apenas para quantificação de uma nota, transmissão superficial de conteúdos e, ainda, uma ausência de interatividade entre professor e alunos, o seminário na licenciatura em Letras Português torna-se uma velha prática que é ensinada aos discentes, e com isso pode tornar-se repetida por eles na sua vida profissional, ao passo que é nesse mesmo espaço de ensino que está sendo reproduzido um ensino mecânico, robotizado e nada atrativo, principalmente com o trabalho dos gêneros orais.

É por meio de gêneros orais que os futuros professores de língua portuguesa são incentivados a aprimorarem a habilidade oral. É no espaço da aula que eles devem ser instigados a pensarem, refletirem e debaterem teorias, não apenas comentá-las para, após isso, receberem uma nota.

Segundo Feliciano (2014) um dos motivos do seminário ter características como a superficialidade de conteúdos e a pouca, ou nenhuma, interatividade dos seminaristas, justifica-se pelo despreparo dos professores. Torna-se, com efeito, uma estratégia diferente na medida que se aproxima da aula do professor e uma metodologia apenas expositiva. Com isso, o uso desse instrumento em sala de aula pode ter o intuito de ‘transportar a função do ensinar’ do professor para o aluno. Nas palavras da autora “era dar férias ao docente e adquirir um conhecimento superficial, já que era função apenas dos apresentadores (alunos) estudar o conteúdo e passado”.

Ao observarmos os dados, podemos concluir que boa parte dos discentes, cerca de 18,2% dos entrevistados, afirmam que o seminário *é utilizado pelo professor (a) como uma forma dele se omitir de trabalhar os conteúdos*, visto que a exposição de conteúdos fica sob responsabilidades de diversos grupos de alunos e o professor como mero espectador do momento de apresentação.

Segundo Oliveira (2018) o professor e o aluno devem se direcionar para as fragilidades típicas do gênero, a partir dos seguintes pontos que determinem um desenvolvimento organizado na elaboração do gênero seminário: falta de preparação dos professores, falta de orientação para os alunos, ligação entre o oral e o escrito, falta de planejamento e estratégias de apresentação, e comportamento corporal durante uma apresentação.

Dessa forma, torna-se evidente a problemática de usar o gênero seminário apenas como apoio para a exposição de conteúdos, sem quase nenhum levantamento de discussões, como prática que persiste no curso de licenciatura em Letras Português. Para que os alunos mudem essa visão acerca do uso do seminário em aulas do curso de sua formação docente, é preciso que o professor cumpra efetivamente o seu papel ao trabalhar gêneros orais. Assim, este é “mediador e deve planejar e articular, antes de tudo, quais os objetivos serão alcançados com a produção do gênero e que tipo de discussões pretende que os alunos realizem” (Oliveira, 2018, p. 25).

Oliveira (2018) cita alguns pontos importantes para a organização do seminário e alguns são necessários de detalhamento. A falta de orientação para os alunos é um ponto crucial para que eles utilizem o gênero com eficácia, pois é preciso que o professor explique o que deseja durante a produção e apresentação do gênero. Outro ponto importante é a ligação entre o oral e o escrito. É imprescindível que os alunos consigam ampliar os seus conhecimentos e se questionarem sobre determinados assuntos, provocando assim indagações da plateia.

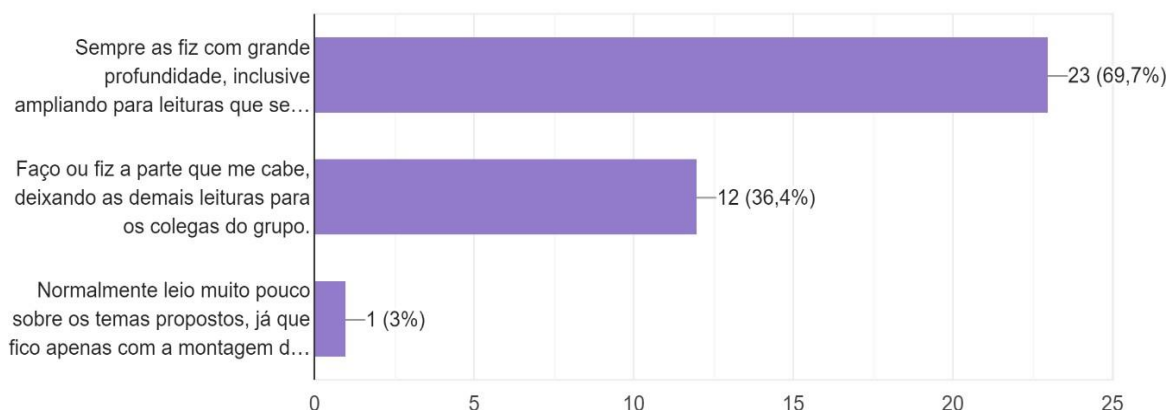
Ademais, a falta de planejamento para a apresentação torna-se algo exaustivo para o seminarista e para o público ouvinte. O “você fala isso” não pode ser uma estratégia para a apresentação do gênero, e o professor precisa identificar tais estratégias utilizadas pelos alunos. Por fim, o comportamento é algo essencial na apresentação do seminário. Entonação, despojamento físico, uso de celular, indiretas ofensivas são práticas inadmissíveis durante a performance dos seminaristas. O autor afirma ainda que “no campo universitário, a prática desse gênero é indiscutível, pois deve ser visto e empregado como caminho para a docência”. Assim, é preciso mudar tais práticas cometidas na relação professor/aluno. (Oliveira, 2018, p. 27)

A pergunta seguinte teve por base as leituras preparatórias do gênero oral. Além disso, objetivamos entender como os discentes se preparavam para a performance/apresentação do seminário em sala de aula. Vejamos os dados obtidos:

### **Gráfico 7:** Leituras preparatórias do gênero

### 9- Sobre as leituras preparatórias necessárias para a apresentação de seminários:

33 respostas



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

### Quadro 3: Opções de respostas à questão 9

Sempre as fiz com grande profundidade, inclusive ampliando para leituras que seriam dos colegas do grupo.
Faço ou fiz a parte que me cabe, deixando as demais leituras para os colegas do grupo.
Normalmente leio muito pouco sobre os temas propostos, já que fico apenas com a montagem dos slides.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

As respostas foram satisfatórias, já que o maior percentual obtido afirma que as leituras preparatórias realizadas são feitas com grande profundidade, além de considerarem que leem as partes que seriam dos demais colegas do grupo. Mas, podemos considerar essa leitura como profunda? Seria apenas esse o intuito das leituras que antecedem a apresentação dos seminaristas?

Essa seria uma outra problemática do mau uso do seminário no curso dos docentes: as leituras preparatórias profundas seriam apenas analisar por completo o texto sorteado, ao invés de fragmentos do texto, como o percentual de quase 40% afirmaram ter como prática antes da apresentação deste gênero.

De acordo com Oliveira (2018) os seminaristas precisam utilizar outras fontes para construir uma boa fundamentação e argumentação do conteúdo abordado. Assim, os discentes precisam aprofundar suas leituras prévias sem se restringirem apenas ao texto base que é disponibilizado pelo professor da disciplina. Segundo Masetto (2010):

O seminário ( cuja etimologia está ligada a semente, sementeira, vida nova, ideias novas) é uma técnica riquíssima de aprendizagem que permite ao aluno desenvolver sua capacidade de pesquisa, de produção de conhecimento, de comunicação, de

organização e fundamentação de ideias, de elaboração de relatório de pesquisa, de forma coletiva (Masetto, 2010, p. 111)

Assim, a esse semear de ideias novas, compreendemos que precisa ser construído a partir de novas possibilidades de compreensão de textos, posicionamentos, questionamentos divergentes sobre uma mesma temática, um mesmo conteúdo. Para isso, o seminarista precisa buscar fundamentações que sustentem suas ideias e teses a partir de estudos teóricos, para poder ampliar sua visão do conteúdo que será apresentado.

Dito isto, percebemos a grande problemática que, parece-nos, acontece no curso de Letras Português do campus I. Observamos que 36,4% dos discentes afirmam que "*Faço ou fiz a parte que me cabe, deixando as demais leituras para os colegas do grupo*". Os dados apontam o quanto as leituras preparatórias estão sendo limitadas, ineficientes e pouco influenciam no processo de letramento dos entrevistados. Assim, parece-nos que, aos quase 40% dos entrevistados, o gênero não consegue ser um efetivo instrumento para o letramento, visto que essa etapa de preparação, leitura e compreensão dos textos é fundamental para construir uma visão crítico-reflexiva dos discentes acerca da temática explorada e devidamente debatida.

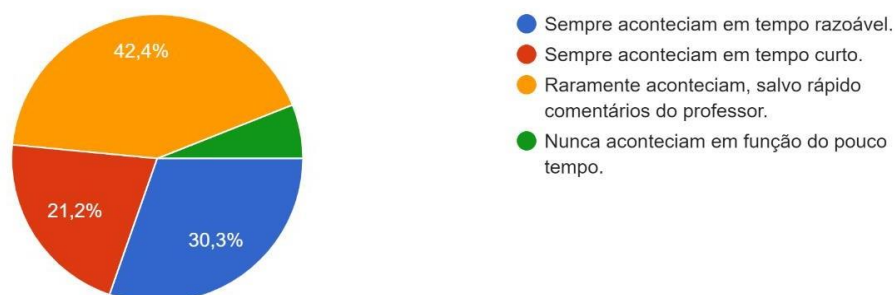
Posto isso, é necessário que os discentes construam um bom planejamento, preparação e pesquisa antecipada ao momento da apresentação e, a partir daí, serem capazes de construir conhecimentos suficientes para responderem os possíveis questionamentos posteriores à sua performance oral.

A última pergunta do nosso questionário foi acerca das discussões após as apresentações, como aconteciam, se aconteciam ou não aconteciam, obtivemos os seguintes dados:

### Gráfico 8: Discussões após as apresentações

10- Sobre as discussões após as apresentações:

33 respostas



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Os dados apontam que cerca de 42,4% dos discentes responderam que as discussões após as apresentações *raramente aconteciam, salvo rápido comentários do professor*. Assim, raramente acontecem, ou quando acontecem, ocorrem em tempo curto, totalizando 63% das respostas. Com isso, podemos refletir que a efetividade do gênero parece não ser alcançada e as aulas ficam como exposições de conteúdos pelos seminaristas, ou ainda, em decorebas de partes/falas do autor lido sem aprofundamento de discussões, nem tão pouco pelo professor.

Os entrevistados ao serem questionados acerca da eficácia do uso do seminário para a sua formação profissional responderam ser extremamente eficaz. Com isso, é importante questionar: como o seminário para eles foi útil e em que sentido? Parece-nos ser apenas para

compor a nota. Seria apenas para quantificação e aprovação nas disciplinas?

De acordo com Gil (2009) o seminário é uma estratégia bem conhecida pelos discentes de formação superior, porém essa não é uma premissa para reconheçam a importância de tal técnica e não conseguem ver de forma positiva, pois “provavelmente porque nenhuma estratégia de ensino tenha sido tão mal utilizada pelos professores do ensino superior ( Gil, 2009, p. 172).

Dessa forma, significa uma estratégia de ensino/aprendizagem, no entanto não vem sendo aplicada de forma efetiva nas universidades. Não é raro ver alunos de licenciaturas que o repudiam.

Ademais, o professor não deve utilizar o seminário como pretexto de aula, como conceitua Oliveira (2018). É preciso que o professor seja ativo e seu coordenador apresente aos alunos diretrizes de textos, faça comentários que enriqueçam o seminário para os discentes, e assim eles assumam o lugar de seminaristas ativos.

No seminário, para Feliciano (2014), a interação professor-aluno acontece, porém apenas como uma forma de correção de conteúdo que está sendo abordado. Com isso, pode ocorrer a destruição da relação que o aluno-aluno, isto é, interação e construção de conhecimento a partir de comentários, críticas relacionadas ao conteúdo que está sendo exposto/debatido.

Ademais, isso pode ocorrer a partir da forma como o docente constrói os seus comentários. Podem vir a questionar a qualidade e a validade da exposição, e podendo desinteressar-se pela atividade, ou ainda, vê-la como algo ruim e imposto apenas para quantificação de uma nota. Não interagem entre si por medo de perguntas às quais não foram preparados para responder, por fazerem uma leitura fragmentada do texto e, assim, não conseguem construir uma leitura efetiva do texto.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos investigar a aplicação e eficácia do gênero acadêmico seminário enquanto instrumento de letramento, na Licenciatura de Letras Português da UEPB campus I - na cidade de Campina Grande - PB.

Diante disso, os dados analisados evidenciaram o uso bastante popular do gênero Seminário no curso de Licenciatura em Letras Português Campus UEPB/I, um total de 88% afirmaram que utilizam o gênero, 72,7% responderam que o gênero é um eficaz instrumento de letramento e muito tem contribuído para a sua formação docente. Além disso, 69, 7% consideram que os seminários que já apresentaram durante o curso de Letras Português foram extremamente úteis para a sua formação, e ainda, 72, 7% afirmaram que a metodologia do seminário na sua formação foi extremamente importante.

Apesar disso, é importante ressaltarmos dados preocupantes evidenciados na pesquisa. Para quase 48,5% afirmam que a metodologia do seminário é razoavelmente eficaz ou nunca eficaz para o seu processo de letramento. E, para quase 27% dos alunos, ele muito pouco tem contribuído para a formação. No que tange à metodologia utilizada na prática deste gênero, quase metade dos colaboradores o classificaram como um espetáculo de imagens atraentes, mas de pouca profundidade, já que o excesso de apresentações e/ou o excesso de alunos por grupo impedem o seminário de ser eficaz, isto é, atingir seu objetivo, que é letrar. Assim, evidenciamos a falta de interação entre aluno-conteúdo-professor durante a aplicação do seminário no curso de formação de docentes em Linguagens do campus I, ponto importante para o letramento acadêmico dos discentes.

Observamos ainda que quase 30% das respostas se dividiram entre: uso improdutivo, forma de o professor se omitir de ministrar aulas, e ainda, a total negação do uso do gênero no curso de formação. Ademais, evidenciou-se o professor como mero expectador no momento

de apresentação, tendo em vista quase 45% dos colaboradores responderam que quase sempre o professor não explora os temas abordados, deixando-se levar pela superficialidade destes, apenas sobre a visão dos alunos.

Os dados apontam também índices preocupantes quanto às leituras preparatórias dos seminaristas, que estão sendo limitadas, ineficientes e pouco influenciam no processo de letramento dos entrevistados, tendo em vista que uma grande parte dos colaboradores responderam que fazem a leitura fragmentada do texto escolhido pelo professor, deixando as demais partes para os outros colegas de grupo.

Diante do exposto, podemos perceber o quanto é necessário o trabalho mais eficaz com o gênero oral nas aulas do curso de formação docente em Língua Portuguesa, visto que os dados apontaram para resultados preocupantes, tendo em vista a aplicabilidade do seminário e a sua devida importância no ensinar alunos a desenvolverem habilidades de comunicação oral, extremamente importante para a sua prática profissional.

Posto isso, é incontestável que o trabalho com o gênero oral seminário seja mudado nos cursos de licenciatura em Letras Português, tendo em vista a importância do seminário para a construção de um aluno letrado. Assim, propomos que a metodologia utilizada no gênero seminário seja melhorada, problematizada e ressignificada à luz de uma análise crítica dos sujeitos envolvidos, discentes e docentes.

Portanto, concluímos que a partir desta pesquisa conseguimos alcançar os objetivos iniciais, os quais propiciaram o estudo no que tange: a) à análise dos diferentes impactos da aplicabilidade deste gênero nas aulas graduação em Letras Português; b) à quantificação e qualificação da presença deste gênero no contexto acadêmico.

Por último, evidencia-se a importância de trabalharmos os gêneros orais, com ênfase nos seminários, em salas de formação docente com o intuito de que estes proponham um letramento efetivo de discentes para a iniciação profissional e acadêmica.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Aula de português: Encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BEZERRA, M. A. Seminário, mais que uma técnica de ensino: um gênero textual. 2003; Trabalho apresentado em congresso. (mimeo)

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ministério da Educação. Brasília: 2018.

CHAVES, Maria, H.R. O gênero seminário escolar como objeto de ensino: instrumentos didáticos nas formas do trabalho docente. Dissertação (Mestrado) – Universidade federal do Pará, Instituto de letras e comunicação, programa de pós- graduação em Letras, Belém, 2008.

COELHO, Jéssica Caroline Soares; DA SILVA, Elson M. REFLEXÕES INICIAIS SOBRE LETRAMENTO, 2017.

CRUZ, G. B.; HOBOLD, M. Práticas formativas de professores de cursos de licenciatura: diferentes estratégias para ensinar. In: ANDRÉ, M.(org.). Práticas inovadoras na formação de professores. Campinas, Papirus, 2016,p.237-262.

DOLZ, J.; SCNHEUWLY, B.; DE PIETRO, J. F. A exposição oral. IN: SCNHEUWLY, J; DOLZ, J e colaboradores (org.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de

Letras, 2004.

FIGUEIREDO, Thamara, d S; FREITAS, Maira, de O. Psicolinguística e estudos culturais: : contribuições às práticas pedagógicas no campo da alfabetização e letramento. VI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU- Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD1\\_SA8\\_ID9535\\_15092019130717.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA8_ID9535_15092019130717.pdf) . Acesso em Nov/2023.

FELICIANO, Glenda, H. M. Seminário acadêmicos: concepções e estratégias didático discursivas. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Universidade Federal de Campina Grande, centro de humanidade, 2014.

FIAD, R. S. Algumas considerações sobre os letramentos acadêmicos no contexto brasileiro. Pensares em Revista, São Gonçalo, n.6, p.23-34, jan./ jun.2015

FISCHER, A. Letramento acadêmico: uma perspectiva portuguesa. Acta Sci. Lang. Cult. Maringá, v. 30, n. 2, p. 177-187, 2008. Acesso 05 de Novembro de 2023. Disponível em : <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/2334/0>.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GIL, A. C. Didática do ensino superior. São Paulo: Atlas, 2009.

JANKS, H. Panorama sobre letramento crítico. In: JESUS, D. M. DE; CARBONIERI, D. (Orgs.). Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: Outros Sentidos para a Sala de Aula de Línguas. Campinas, SP: Pontes Editores, coleção NPLA, v. 47, p. 21-39, 2016.

KARWOSKI, Acir Mário. ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 128 p. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 26, n. 1, 2010.

MAGALHÃES, Tânia Guedes; GARCIA-REIS, Andréia. Letramento acadêmico-profissional: compreensões dos licenciandos em Letras sobre a educação linguística. **Horizontes**, v. 40, n. 1, p. e022002-e022002, 2022.

MARCUSCHI. Da Fala para a Escrita – atividade de retextualização. Cortez Editora, São Paulo, 2003.

MARCUSCHI, Luiz, Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 10 ed- São Paulo: Cortez, 2010.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o Uso da Tecnologia. In: MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos T e BEHRENS Marilda A. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. Campinas: Papirus, 2000.

MEIRA, Glenda, H. F; SILVA, Williany, M. da. Seminário acadêmico, mais que um gênero: Um evento comunicativo. Anais do Silel. Uberlândia: EDUFU, 2013.

MELO, Wltenize I. F de. O ensino- aprendizagem de Seminário em um curso de extensão universitária. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras Português –



Universidade Estadual da Paraíba, centro de ciências humanas e exatas, 2019.

OLIVEIRA, Cleyton, S, de. A argumentação no gênero Seminário: Um contínuo entre fala e escrita. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

PERONICO, Albanice de M. **Um estudo sobre como a oralidade é contemplada na Base Nacional Comum Curricular**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Março/2021.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 128 p.

SANTOS, Dalve, O. B. O professor universitário como agente letrador: interfaces com o desenvolvimento do letramento acadêmico. Pelotas, v.22, n. 3, Jul-Set (2019).

SILVA, Ana V. L. da. Com a palavra, o aluno: processos de retextualização na exposição oral acadêmica. 2013.

SCHNEUWLY e DOLZ, J. A exposição oral. In:\_\_\_\_\_. Gêneros orais e escritos na escola (trad. E org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SCHNEUWLY, B. DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SOLÉ, I. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STREET, B. Literacy in theory and practice. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

STREY, Cláudia. Resumo: A relevância do objetivo de leitura. IN: PEREIRA, Vera. W; GIARESE, Ronei (org.). Estudos sobre leitura: Psicolinguística e interfaces. Porto Alegre: Edipucrus, 2012.

TORRES, Marcelo. A; LIMA, Sebastião. Transversalidade, multiletramentos e Letramento crítico. IN: FERRAZ, Daniel; CASOTTI, Janayna Bertollo Cozer. (Org.) Letramentos, Políticas Linguísticas e Educação Linguística em contexto capixaba. São Paulo, 2019.

VEIGA, I. P. A. O seminário como técnica de ensino socializado. In: \_\_\_\_ (org) Técnicas de ensino: por que não?. Campinas: Papyrus, 1991.

VÓVIO, Cláudia. L; KLEIMAN, Ângela. B. Letramento e alfabetização de pessoas jovens e adultos: Um balanço da produção científica. Cad. Cedes, Campina, v.33, n 90, p. 177-196, maio- ago. 2013. Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br/>.

ZUMTHOR, P. Performance, Recepção, Leitura. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 1.ed. São Paulo: CosacNaify, 2014.

## ANEXO – QUESTIONÁRIO

1. **Em que período e turno você está cursando Letras-Português:** (integral ou noturno)
  
2. **Em qual turno você cursa a licenciatura em Letras-Português?** (integral ou noturno)
  
3. **Você utiliza ou já utilizou o gênero seminário:**  
 Sempre  Quase sempre  Esporadicamente  Nunca
  
4. **Você considera a metodologia do seminário:**  
 Extremamente eficaz para o meu processo de letramento  
 Razoavelmente eficaz para o meu processo de letramento  
 Nunca eficaz para o meu processo de letramento
  
5. **Da forma como a metodologia do seminário é ou foi utilizada por você no seu curso acadêmico:**  
 Um eficaz instrumento de letramento e muito tem contribuído com minha formação acadêmica.  
 Muito pouco tem contribuído com minha formação acadêmica  
 Em nada tem contribuído com minha formação acadêmica
  
6. **Sobre a metodologia do seminário acadêmico, você pode concluir que: (+1)**  
 Os temas são tratados com grande medida, profundamente através de recursos didáticos-pedagógicos acessíveis e atraentes.  
 Em razão da quantidade de seminário propostos em uma vez, não há a devida profundidade temática, embora os recursos didático-pedagógicos sejam atraentes e agradáveis.  
 O que percebo é que há um espetáculo de imagens muitas vezes atraentes e chamativos que obscurece a discussão dos temas propostos.  
 Há muito jogo de imagens e quase nenhuma discussão temática.  
 Quase sempre o professor (a) não explora, como deveria, os temas abordados, deixando-se levar pela superficialidade destes, apenas sobre a visão dos alunos.  
 O excesso de apresentações de seminários em uma aula impede que os temas sejam devidamente aprofundados.  
 O excesso de alunos por grupo, associado ao tempo curto de exposição dos temas, impossibilitam um maior aprofundamento.
  
7. **Sobre a aplicação da metodologia do seminário na sua formação, você acredita que: (+1)**  
 Extremamente importante  
 Da forma como se apresenta é desnecessário e improdutivo  
 É utilizado pelo professor (a) como uma forma dele se omitir de trabalhar os conteúdos.  
 Sou absolutamente contra a aplicação dessa metodologia no meu curso de formação.
  
8. **Acerca do seminário que já apresentou ou ainda apresenta no seu curso de formação de professor (a), responda:**  
 Foram extremamente úteis no meu processo de letramento  
 Em quase nada contribuíram para o meu processo de letramento.  
 Apenas contribuíram para a quantificação de uma nota.

**9. Sobre as leituras preparatórias necessárias para a apresentação de seminários:  
(+1)**

- ( ) Sempre as fiz com grande profundidade, inclusive ampliando para leituras que seriam dos colegas do grupo.
- ( ) Faço ou fiz a parte que me cabe, deixando as demais leituras para os colegas do grupo.
- ( ) Normalmente leio muito pouco sobre os temas propostos, já que fico apenas com a montagem dos slides.

**10. Sobre as discussões após as apresentações:**

- ( ) Sempre aconteciam em tempo razoável
- ( ) Sempre aconteciam em tempo curto
- ( ) Raramente aconteciam, salvo rápidos comentários do professor
- ( ) Nunca aconteciam em função do pouco tempo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, fonte de amor e força.

Agradeço ao meu pai Rozinaldo Pires de Oliveira que demonstra seu amor nos gestos mais simples, e a minha mãe Vera Lúcia Pires de Oliveira, pelo seu amor, proteção e dedicação, que, em meio às dificuldades sempre enxergaram a Educação como o melhor caminho a ser seguido.

Agradeço ao meu orientador prof. Dr. Marcelo Vieira da Nóbrega pela atenção, acessibilidade e grande contribuição durante a minha graduação, que, com seu jeito simples e encantador, me proporciona um contato mais leve e prazeroso com a iniciação científica.

Agradeço à minha irmã Wegila por todo incentivo e pontapé que foi dado para que eu iniciasse essa jornada acadêmica, em uma das profissões que mais admiro que é a docência. Seu exemplo enquanto pessoa e profissional são essenciais para mim.

Agradeço aos meus sobrinhos Willian Gabriel e Sophia Ayla por me proporcionarem momentos genuínos de troca de afetos em meio a correria dos meus dias.

Agradeço à minha irmã mais nova, Tatiane, por me proporcionar momentos mais longos e calmos de estudo, após um dia de trabalho.

Agradeço aos meus amigos pessoais e de longa data que sempre me apoiaram e buscavam me incentivar nos momentos difíceis ao longo dos anos da minha formação.

Agradeço, em especial, à minha amiga Yasmim Ohana, por ser colo, afeto e força em todos os meus momentos, sejam eles pessoais ou profissionais.

Agradeço às amigas que conquistei ao longo do curso, especialmente, ao meu grupinho: Aluska Lima, Yasmim Renale, Karla Rodrigues e Joedson Bento. Com vocês essa caminhada foi mais leve e feliz.

Agradeço ao meu namorado Leandro, por toda presença, cuidado e incentivo nesse processo final da minha formação.

Agradeço a todos que amo pelo incentivo e compreensão nos meus momentos de ausência.

Agradeço, por fim, a todos os professores que estiveram presentes ao longo da minha formação acadêmica e contribuíram de alguma forma para o meu processo de letramento, ou ainda, os que despertaram ainda mais a minha paixão pela docência. Destaco aqui o professor Marcelo Vieira da Nóbrega, o meu muito obrigado.